



SEÇÃO: MULHERES NO CRISTIANISMO

Formadoras da vida espiritual: comentários de Edith Stein sobre a educação da interioridade em Teresa D'Ávila

Educators of the spiritual life: Edith Stein's comments on the education of interiority in Teresa D'Ávila

Formadoras de la vida espiritual: comentarios de Edith Stein sobre la educación de la interioridad en Teresa D'Ávila

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira¹

orcid.org/0000-0002-5059-9571
pp.patriciateixeira@gmail.com

Clélia Peretti²

orcid.org/0000-0003-2062-0883
cpkperetti@gmail.com

Recebido em: 15/05/2022.

Aprovado em: 24/08/2022.

Publicado em: 07/11/2022.

Resumo: O artigo objetiva descrever o caminho de formação da vida espiritual através da obra de Teresa D'Ávila (1515-1582) discutida por Edith Stein (1891-1942) no ensaio *O Castelo Interior (Die Seelenburg)*. A fenomenóloga, a partir de seus estudos sobre a Empatia (*Zum Problem der Einfühlung*), desenvolveu uma antropologia de inteireza humana, corpo-psique-espírito (*Leib*), afirmando a existência de um "núcleo pessoal" (*Kern*) de natureza espiritual. No fluxo de suas pesquisas, conheceu os escritos cristãos. Estes ampliaram suas bases teóricas em aliança com as pesquisas que desenvolvia. O texto delimita-se no impacto dos escritos de Teresa D'Ávila na vida e obra de Edith Stein. Ao conhecer o *Livro da Vida* (1563), a filósofa decide (re)examinar sua trajetória, convertendo-se ao Cristianismo Católico e expandindo seus estudos fenomenológicos à antropologia teológica. Por este caminho, através do método de análise bibliográfica e documental, revisita-se a literatura de Edith Stein com Teresa D'Ávila, mapeando as contribuições de ambas como formadoras do humano ao conhecimento do mistério de Deus e da experiência de um Deus-Amor habitante na interioridade espiritual. Conclui-se com interfaces paradigmáticas através da educação do espírito em inteireza com a formação da personalidade e com as relações comunitárias, educação esta cada vez mais urgente frente as complexidades e fragmentações hodiernas.

Palavras-chave: Edith Stein; Teresa D'Ávila; educação da interioridade; espiritualidade cristã; Castelo Interior.

Abstract: The article aims to describe the path of formation of the spiritual life through the work of Teresa D'Ávila (1515-1582) discussed by Edith Stein (1891-1942) in the essay *The Interior Castle (Die Seelenburg)*. Based on her studies on Empathy (*Zum Problem der Einfühlung*), the phenomenologist developed an anthropology of human wholeness, body-psyche-spirit (*Leib*), affirming the existence of a "personal core" (*Kern*) of a spiritual nature. In the flow of her research, she became acquainted with Christian writings. These expanded her theoretical foundation along with the research she was developing. The text focuses on the impact of Teresa D'Ávila's writings on Edith Stein's life and work. Upon discovering the *Book of Life* (1563), the philosopher decides to (re)examine her trajectory, converting to Catholic Christianity and expanding her phenomenological studies to theological anthropology. In that way, through the method of bibliographic and documental analysis, we revisit Edith Stein's literature with Teresa D'Ávila, mapping the contributions of both as educators of the human on the knowledge of the mystery of God and the experience of an inhabitant God-Love in spiritual interiority. It concludes with paradigmatic interfaces through the education of the spirit in full with the formation of the personality and with community relations, education which is increasingly urgent in face of today's complexities and fragmentations.

Keywords: Edith Stein; Teresa D'Ávila; interiority education; christian spirituality; Interior Castle.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil.

Resumen: El artículo tiene como objetivo describir el camino de formación de la vida espiritual a través de la obra de Teresa D'Ávila (1515-1582) discutido por Edith Stein (1891-1942) en el ensayo *O Castelo Interior* (Die Seelenburg). A partir de sus estudios sobre la Empatía (Zum Problem der Einfühlung), la fenomenóloga desarrolló una antropología de la totalidad humana, cuerpo-mente-espíritu (Leib), afirmando la existencia de un "núcleo personal" (Kern) de carácter espiritual. En el curso de su investigación se familiarizó con los escritos cristianos. Estos ampliaron sus bases teóricas en alianza con las investigaciones que venía desarrollando. El texto se centra en el impacto de los escritos de Teresa D'Ávila en la vida y obra de Edith Stein. Al descubrir el *Libro de la Vida* (1563), la filósofa decide (re) examinar su trayectoria, convirtiéndose al cristianismo católico y ampliando sus estudios fenomenológicos a la antropología teológica. De esta forma, a través del método de análisis bibliográfico y documental, se revisa la literatura de Edith Stein con Teresa D'Ávila, mapeando los aportes de ambas como formadoras del ser humano al conocimiento del misterio de Dios y la experiencia de un Dios-Amor habitando la interioridad espiritual. Se concluye con interfaces paradigmáticas a través de la educación del espíritu en integridad, con la formación de la personalidad y con las relaciones comunitarias. La educación es cada vez más urgente ante las complejidades y fragmentaciones actuales.

Palabras clave: Edith Stein; Teresa D'Ávila; educación de la interioridad; espiritualidad cristiana; Castillo Interior.

Introdução

Centralidade da alma-espiritual (*Geistseele*): esse é um dos temas nucleares dos escritos de Edith Stein. É a presença do espírito humano que torna o ser vivo, pessoa, em um corpo vivenciado. Os escritos da filósofa possuem caráter fenomenológico, trazendo nova abordagem para a antropologia filosófica e teológica contemporânea, contribuindo para a ruptura com as correntes positivistas e subjetivistas do século XIX. Edith Stein é uma autora que busca a verdade em integralidade, unindo natureza e graça. Para Stein, chegar a essa verdade é a aspiração mais íntima do ser humano (SBERGA, 2014).

Stein desejou conhecer a verdade *de si e em si, dos outros e com outros, das coisas e a partir das coisas, das situações e frente as situações, do mundo e no mundo, de Deus, com Deus e a partir de Deus*. Discípula de Edmund Husserl, suas primeiras investigações objetivaram compreender o fenômeno empático, originário,

relacional e intersubjetivo. Sua tese de doutorado, *O problema da Empatia* (*Zum Problem der Einfühlung* [1916]), segue até hoje como um dos textos mais destacados na temática. A empatia seguiu como linha fundante de toda sua obra antropológica no que se refere ao ser pessoa em comunidade. Como empatia, postulou que esta "não me põe dentro do outro, mas faz com que eu me dê conta do objeto de sua experiência" (SAVIAN FILHO, 2014, p. 38).

A trajetória intelectual de Edith a conduziu a respostas relativas ao "eu", principalmente a partir do núcleo espiritual e identitário da pessoa humana enquanto formação da personalidade em unicidade, totalidade e irrepitibilidade (PERETTI, 2022). A pessoa humana, para Stein, possui por característica a dimensão espiritual, o que a diferencia de todos os demais seres vivos. O espírito (*Geist*) interliga intelecto, razão e a vontade livre do ser. "O espírito é, antes, uma dimensão humana, a qualidade específica de ser racional, numa dualidade com o corpo físico, mas não no dualismo que cinde a unidade do indivíduo" (ALFIERI, 2014, p. 32). O espírito é encarnado, isto é, habita um corpo vivenciado (*Leib*).

Quanto mais adentrou a investigação acerca do espírito humano, mais Edith Stein reconheceu que alcançar a verdade exigia um conhecimento para além do natural, mas metafísico. Construiu um diálogo entre a fenomenologia de Husserl e a filosofia cristã de Tomás de Aquino, em que assumiu, juntamente com o conhecimento natural, o conhecimento divino, apreendido pelo mistério vivencial da fé³. Outros pensadores cristãos como Agostinho de Hipona, Duns Escoto, Pseudo-Dionísio, o Areopagita, integraram suas redes investigativas. Aprofundou a necessidade da interioridade da vida do espírito, reconhecendo a pessoa humana em sua finitude e eternidade, como pode ser visto em *Ser finito e eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser* (*Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstieges zum Sinn des Seins* [1936]).

Edith Stein possui também uma vasta obra

³ Sugere-se a leitura dos textos sobre Husserl e Tomás de Aquino de Edith Stein publicados no Brasil em 2019.

sobre a formação humana e cristã. Entendeu a educação como gesto diligente em formar o humano. Sobre a formação, enquanto integralidade, compreendeu a natureza em sua potência e a graça como maior força presente no humano. Por isso, afirmou: “[...] a pedagogia não será completa caso não indague no campo da verdade revelada o significado de viver a fé e, através dessa vida de fé, alcançar o objetivo da vida” (STEIN, 2003a, p. 749).

O fenômeno que tanto investigou foi vivenciado intensamente por Edith Stein no verão de 1921, no encontro empático com Teresa D'Ávila⁴, presente no *Livro da Vida* (1563), reconhecida autobiografia teresiana. Reconheceu em Teresa uma formadora autêntica que complementou o que vinha desenvolvendo em sua fenomenologia e buscando em sua própria essência humana. Inspirada na existência e legado significativo de Teresa D'Ávila, aderiu à fé católica evidenciando em seu batismo em 1º de janeiro de 1922.⁵

Assim, nas ressonâncias da formação espiritual ativa e contemplativa de Teresa D'Ávila, este artigo visa descrever o caminho de formação da alma espiritual (*Geistseele*) à luz do impacto teresiano na obra de Edith Stein. Para isso, será abordado, principalmente, o ensaio sobre *O Castelo Interior* (*Die Seelenburg*), escrito por Stein, possivelmente em 1936 como primeiro apêndice na obra *Ser Finito e Eterno* e publicado em 1962 na Coleção *Edith Steins Werke*, VI, 39-68.

1 Formadoras da vida espiritual: Edith nos passos de Teresa

O encontro com a mística carmelitana de Teresa D'Ávila obteve o significado transformador na existência e obra steiniana⁶. Possivelmente, porque, para Teresa, a espiritualidade não é considerada etérea, mas intimidade com o divino (OLIVEIRA, 2016). Assim, o conteúdo do *Livro da Vida* não possui caráter histórico, mas comunica intencionalmente o próprio caminho espiritual da autora, perpassado pelo fenômeno da graça (JESUS, 2001b).

Edith Stein encontrou, na narrativa teresiana, a vivência de uma relação pessoal da alma espiritual em vistas de uma configuração com os mistérios de Deus. Teresa D'Ávila havia se tornado sua “mestra espiritual”, a ponto de ansiar em integrar a Ordem Carmelita: “O Carmelo era minha meta já havia doze anos, desde o verão de 1921, quando caiu em minhas mãos o *Livro da Vida* de nossa Santa Teresa”⁷ (STEIN, 2018, p. 543).

De acordo com Fermin (2004), ao adentrar o Carmelo, Edith não era desconhecidora da espiritualidade carmelitana⁸. Enriquecida da dinâmica espiritual encontrada em Teresa D'Ávila, seu contato com diversas tradições religiosas, com as primícias do pensamento fenomenológico, com a experiência de diferentes espiritualidades (inaciana, beneditina, dominicana), assim como o conhecimento doutrinário do magistério católico, foram elementos que contribuíram com a própria

⁴ Teresa de Ahumada y Cepeda, nascida em 28 de março de 1515, em Ávila, na Espanha. Ingressou no mosteiro da Mosteiro da Encarnação, em Ávila, em 1535, aos 20 anos. Nesse mosteiro, permaneceu por longos anos e viveu fecundas experiências marcadas por um longo curso de enfermidades corporais – que maximizaram suas inquietações, intensificaram sua forma contemplativa e ativa de se posicionar diante e para o Sagrado. Seu percurso existencial e espiritual consolidou várias transformações na espiritualidade cristã e carmelitana. Dedicou-se às fundações e reforma da Ordem do Carmelo ao lado de João da Cruz (1441-1591). Além disso, Teresa pode ser considerada reformadora espiritual na própria história da Igreja, assim como de muitas vidas que, atravessadas por seu legado, se deixaram encantar pela vida de intimidade e amizade com Deus.

⁵ Decorrente ao batismo católico, Edith Stein transcorreu sua jornada como professora e pesquisadora vivendo com profundidade sua identidade cristã de ascendência judaica e, depois de longo acompanhamento vocacional, ingressou na Ordem Carmelita, aos 42 anos, em 14 de outubro de 1933, no Carmelo de Colônia, Alemanha. Para maior conhecimento da vida de Edith Stein, sugere-se a leitura de *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*, publicados no Brasil em 2018.

⁶ Outros escritos carmelitas também foram matéria de estudo de Edith Stein, como a obra de João da Cruz, do qual decorre a obra *Ciência da Cruz* (*Kreuzeswissenschaft*). Porém, este artigo será pautado apenas nos escritos teresianos.

⁷ De acordo com a nota de rodapé n. 20 da tradução em língua portuguesa lançada pela editora Paulus, na Coleção Obras de Edith Stein, especificamente em *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*, é preciso fazer uma correção histórica. Difundiu-se uma crença de que Edith teria lido o *Livro da Vida* de Teresa D'Ávila por acaso ao encontrá-lo na casa de verão do casal Conrad. Porém, a nota esclarece que essa afirmação contrasta com os registros da beatificação de Edith Stein, quando Augustine e Anne Reinach afirmaram com segurança que Edith escolheu de presente o livro de Teresa da biblioteca da família de Adolf Reinach. Assim, presume-se que Edith apenas o tenha lido no verão de 1921, em sua estada em Bergzabern. A leitura da vida de Teresa levou Edith Stein a decidir ingressar na Igreja Católica, já que a sua decisão ao Cristianismo já havia sido tomada anteriormente (STEIN, 2018).

⁸ Edith Stein entrou no Carmelo de Colônia em 19 de junho de 1933. Sua decisão aconteceu em meio ao aumento da violência e discriminação dos judeus com a ascensão do Partido Nazista ao poder alemão e à possibilidade de exercer sua docência na América do Sul (STEIN, 2018).

vida do Carmelo.

Com a espiritualidade carmelitana, integrou em si mesma "a filósofa e a humanista, a pedagoga e a mística, a feminista e a monja, a judia e a cristã, a ativista social e a mártir, a fenomenóloga e a contemplativa" (FERMÍN, 2004, p. 20). Em seus nove anos de vida carmelita⁹, Edith Stein harmonizou com grande habilidade seus conhecimentos com suas vivências e revelou a capacidade

[...] de alcançar uma visão completa da pessoa humana sem renunciar a nenhuma das vias que ajudam a integrar uma visão global do ser humano: que vai do plano científico-racional (filosofia-psicologia-antropologia), ao plano da Revelação (Bíblia-teologia-tradição) alcançando o plano da experiência íntima e profunda dos místicos (Agostinho, Dionísio, Teresa, João da Cruz...) até sua própria experiência de Deus (FERMÍN, 2004, p. 20).

Edith Stein, como consagrada contemplativa, assumiu o nome de Teresa Benedita da Cruz. Seus escritos espirituais e sua vida no Carmelo centralizaram-se no essencial, em uma vida vivida conscientemente à luz da graça divina: "[...] não se trata de um caminho de privilegiados e, sim, um caminho que Deus oferece a todo ser humano" (FERMÍN, 2004, p. 30). Por conseguinte, "[...] não há vivência autêntica do Cristianismo sem um encontro, sem uma experiência, sem um mergulhar cada vez mais profundo no mistério de Deus, mas também do ser humano [...]" (FERMÍN, 2004, p. 30).

Edith leu e escreveu *sobre e a partir* de Teresa D'Ávila. Seus primeiros escritos espirituais foram dedicados àquela que referia como "[...] educadora, mestra e formadora de pessoas" (STEIN, 2004a, p. 56). *Amor com amor: vida e obra de Santa Teresa de Jesus (Liebe um Liebe. Leben und Werk der heiligen Theresia v. Jesus)*, por exemplo, foi concluído em fevereiro de 1934, trazendo a biografia e breves comentários das obras teresianas.

No escrito "Uma mestra da educação e da formação: Teresa de Jesus" (*Eine Meisterin der Erziehungs- und Bildungsarbeit: Theresia von Je-*

sus), escrito em 1934, possivelmente, Edith Stein recordou o poeta, filósofo e teólogo agustiniano Fray Luis de León (1527-1591) ao referir na introdução da primeira edição das obras de Teresa¹⁰ que este não conheceu Teresa em vida, mas que era capaz de vê-la viva no que deixou de si, em suas "filhas" e seus livros (STEIN, 2004a). Dessa maneira, Stein (2004a) reconhece em "sua madre" uma mulher de espírito determinado que, entre adversidades e enfrentamentos, construiu uma obra pedagógica fecunda e contagiante de ânimo e robustez espiritual para a contemporaneidade.

Diante da profícua obra da doutora Edith Stein, a "filha de Teresa" integrou em seus escritos espirituais a profunda experiência existencial de Deus e do mistério que a rodeia. Assumiu a religiosidade como "realidade relacional e, portanto, experiencial" (FERMÍN, 2004, p. 29). Nela, transparece "[...] a potência da empatia com Deus, com Cristo, que desemboca no que designaremos sua atitude espiritual característica: o abandono, a consciência de viver sustentada pelas mãos de Deus" (FERMÍN, 2004, p. 30).

É preciso atenção, pois nem em Teresa D'Ávila, nem em Edith Stein, encontram-se superficialidades. São mulheres formadoras que desafiam o desvelar da espiritualidade em profundidade, configurando um percurso de encontro pessoal com Deus na interioridade humana. Os influxos dessas duas mulheres que, em tempos distintos, perpassam as fronteiras, na contínua atração de pessoas aos seus legados e bibliografias, revelam que a Verdade se comunica na interioridade humana – e esta apresenta-se como um espaço de aproximação e relação de comunhão com Deus.

A própria concepção de formação desenvolvida por Edith Stein (*Bildung*) e encontrada em Teresa D'Ávila designa a ação de formar (*formen*) o humano em totalidade, personalidade e essência espiritual. Todavia, não se trata de uma formatação, tampouco de uma capacitação externa como uma inteligência a ser buscada fora do cotidiano, mas de uma ontologia do ser

⁹ Sua vida foi abreviada durante a II Guerra Mundial, quando foi presa pela Gestapo, juntamente com sua irmã Rosa, retiradas de dentro do Carmelo de Echt na Holanda e conduzidas ao campo de concentração. Sua morte ocorreu nas câmaras de gás nazistas, em 09 de agosto de 1942, em Auschwitz-Birkenau.

¹⁰ Salamanca (1588).

em sua individualidade, reveladora do humano em si mesmo, em sua forma substancial própria e única (SBERGA, 2014).

Encontra-se, nas obras de Teresa D'Ávila e de Edith Stein, a compreensão de que a formação *da* e *na* vida espiritual não implica retração do "eu" ou distanciamento comunitário e social. Ao contrário, na vida em espiritualidade, quanto mais consciência da interioridade e principalmente – da interioridade habitada pela graça divina – maior será a possibilidade de responder à comunicabilidade da fonte da graça de modo relacional, intencional, autoconsciente e livre.

2 (Auto)consciência e educação espiritual: pistas dos fundamentos antropológicos em Edith Stein

Nota-se, em Edith Stein, a formadora humana que alia interioridade e exterioridade, personalidade e empatia, consciência racional e fê transcendente, humanidade e divindade, natureza e graça. Adentrar a interioridade para a fenomenóloga significa concentrar-se em uma dinâmica de educar (*bilden*) e educar-se no corpo vivenciado (*Leib*) do "eu". O "eu" possui, em primeira instância, as particularidades do interior inato e subjetivo; porém, em segunda análise, a forma do humano também decorre do processo de formação amplo (LAVIGNE, 2016) constituído por múltiplas forças formativas, ativas e expansivas, intra e inter-relacionais.

Desse modo, a formação torna-se um processo de revelação (*Aufweis*) do ser que é finitude em sua natureza e infinitude em seu espírito, revela, assim, o "si mesmo" enquanto sensível, vital e espiritual. O espírito humano não se configura em uma realidade incomunicável, visto que é capaz de subjetividade e intersubjetividade, abrindo-se e fechando-se em conexão com o ambiente interior e exterior do qual habita (TEIXEIRA, 2022). Assim, há uma alma espiritual (*Geistseele*) intersubjetiva e transcendente.

Edith Stein, em sua antropologia, aliou con-

ceitos clássicos e contemporâneos, visto que postulou a individuação da pessoa a partir da conceituação aristotélico-tomasiano que resgata Boécio e, como Husserl, percebia como maior fenômeno o ser humano que pugna por autocompreensão. Além do mais, referiu a correlação do ser, na mútua dinâmica integrativa corpo-alma, como um corpo vivenciado (*Leib*), estruturado na tríade corpóreo-psíquico-espiritual.

Stein fundamentou o conceito ontológico de pessoa (*Person*) como *alguém* capaz de compreender a normalidade de seu próprio ser e, assim, orientar-se em seus próprios atos.

[...] o termo "pessoa"¹¹ (*prósopon*, em grego; *persona*, em latim), esclarecendo que corresponde a *hypóstasis*, termo utilizado para marcar as substâncias dotadas de razão. Segundo Boécio, o uso do termo "pessoa" teve início no teatro grego, visto que *prósopon* refere-se às máscaras utilizadas em tragédias e comédias para representar personagens. *Prósopon* designando as máscaras postas no rosto aponta para *pròs hōpas*: o que está *diante dos olhos*. Os romanos adotaram termo correspondente traduzido por *persona*, para os cultos dirigidos a deusa Perséfone ao qual utilizavam uma máscara. *Persona* passou a indicar o *falar através de* (*per* e *sonare*) (TEIXEIRA, 2017, p. 95).

A pessoa possui *personalidade* como possibilidade de superar os determinismos e de autogerir-se através da expressão de um "eu" singular, livre e autoconsciente. Capaz de racionalidade, memória, vontade, entendimento e liberdade, a pessoa configurar-se como um "si mesmo" e com seu próprio comportamento (STEIN, 1996). Por essa via, o ser humano (finito) se compreende a partir do Ser (Eterno), de espírito potente e impulsionado pela constante presença de Deus.

Como pode-se identificar, a pessoa, para Edith Stein (2003a, p. 616), é alguém que diz de si mesmo "eu", e o ser humano "não entra terminado no mundo", mas permanece em constante desenvolvimento. Ademais, "o ser humano se revela como um organismo com uma estrutura bastante complexa: um ser vivo uno em constante processo de constituição e de transformação"

¹¹ Em uso teológico, principalmente após Boécio, a referência fixa-se na existência humana apontando para sua individualidade. Esta nota corresponde a nota de rodapé n. 92 da dissertação de Patrícia E. de Lima Teixeira e toma por base o artigo de Juvenal Savian Filho (2016).

(STEIN, 2003a, p. 647). Stein atribui, assim, um grande valor à formação da pessoa. O ser humano desenvolve-se e conquista sua humanidade (gênero humano), por meio da educação (STEIN, 2003a). Portanto, como ser corporal vivo-anímico-espiritual, pode desenvolver não apenas seu caráter evolutivo, mas ter acesso e desenvolver os bens espirituais objetivos (STEIN, 1996). É através da educação (auto)consciente e volitiva que o ser assume a direção de sua vida como um "eu" livre e relacional. Assim, cada pessoa é capaz de formação e autoformação, visto que "toda a formação é uma formação autoadquirida" (STEIN, 2003b, p. 188).

A formação da interioridade pessoal exige o adentrar no íntimo da alma espiritual. A singularidade humana forma-se "desde dentro" de seu espírito, abrangendo o âmago e a exterioridade corpo e alma. É, portanto, do interior enquanto essência do ser que a humanidade se expande ao externo, estimulada a se relacionar com o ambiente e não a fechar-se em si mesma. Quando o "eu" vive (auto)consciente de sua interioridade, a pessoa está "em casa". Quem vive consciente de si, encontra sua humanidade, experimentando o que emerge de seu núcleo interior. E se vive dessa interioridade, então, vive uma vida plena e alcança o ponto alto da ascensão do seu ser (STEIN, 1996).

Ressalta-se que ao compreender-se a si, a pessoa é capaz de, conhecendo a si mesma, conhecer o outro como alteridade. O outro como distinto em particularidades e semelhante em dignidade. Essa abertura do espírito em ir e vir para "dentro" e "fora" expressa a autonomia e a capacidade empática da pessoalidade (STEIN, 2003a). Assim é também com Deus: a consciência do Ser Eterno ocorre quando a pessoa se percebe como finitude, almejando e experimentando a transcendência do divino que atravessa, mas não para na imanência do humano.

Do ponto de vista da Teologia da Revelação, também estudada por Stein, Deus gera a criatura livre e potente, com capacidades de (auto)gerir seus atos no tempo e no espaço na ordem do Amor, de tal maneira que a plenitude da essência

humana apenas poderá ser encontrada em genuinidade N'Aquele que contém toda plenitude e essência do Amor: Deus, o Ser Transcendente, Infinito e Eterno (STEIN, 1996). Na Revelação Católica com a qual os estudos steinianos coadunam, Deus concede ao ser humano a dignidade pelo mistério da sua existência, enquanto Unidade e Trindade, encontra-se a pessoa como desejo da primazia divina: " façamos o ser humano à nossa imagem, como nossa semelhança" (Gn 1, 26). A pessoa humana é gerada no ser único e comunitário de Deus.

O fato de o ser humano partir do Ser Divino lhe concede a dignidade elevada de criatura mais amada, racional e livre. A liberdade ontológica é condição requerida para a união amorosa com Deus (STEIN, 1996). Como imagem de Deus, carrega a missão de evoluir desde dentro de sua interioridade, com livre-arbitrio, agindo por suas próprias escolhas. Na liberdade, o "eu" pode tomar decisões de estagnação, de rupturas e angústias existenciais, assim como pode optar em criar caminhos, buscar responder sua ânsia por plenitude em meio às complexidades. Alcançar sua integridade, estando em si e transcendendo a si é o modo a encontrar a Verdade e a Vida.

Trata-se de um ponto a ser bastante delimitado quando se aborda a vida espiritual na concepção da primazia da pessoa enquanto desejo do coração de Deus Uno e Trino. O espírito humano existe, porque existe primeiro o Espírito Divino. Assim como Deus é revelado ao ser humano, na essência do Amor Divino-humano presente em Jesus Cristo, como rosto que desvela o Ser de Deus ao ser humano, como Caminho, Verdade e Vida.

3 A educação da interioridade para Edith e Teresa

A interioridade é compreendida por Stein (2003a) como espacialidade, dinamismo interno captado das vivências sensoriais e das próprias realidades pessoais afetadas no processo singular da pessoalidade. Edith Stein (1996) propôs um delineamento da estrutura da alma humana, identificando um complexo físico-psíquico e es-

piritual do ser humano. Para a fenomenóloga, "[...] quanto mais profundamente a alma se submerge no espírito e mais firmemente se instala no seu centro, tanto mais livremente pode elevar-se sobre si mesma e libertar-se dos laços materiais" (STEIN, 2004a, p. 106).

Na esteira de Teresa D'Ávila, quando, em meados de 1936, Edith Stein, referindo-se à obra *O Castelo Interior (Die Seelenburg)*, preocupou-se em abordar o que constitui a vida interior, tomando-a como base para explanar o caminho da alma a Deus, organizou seu ensaio em duas partes: na primeira, descreveu o conteúdo da obra teresiana; na segunda, relacionou-o com a filosofia fenomenológica. Sobretudo, Edith Stein encontrou, nos escritos de Teresa D'Ávila, a chave hermenêutica de reflexão sobre a centralidade de Jesus Cristo, como Deus Encarnado na humanidade, mediador do encontro do humano com o divino.

Do mesmo modo, Edith Stein evidenciou as experiências de Teresa D'Ávila, revelando caminhos de interioridade, marcados pelos percalços da vida relacional como superação ao encontro com a Verdade em Deus. Nos escritos de Teresa D'Ávila, encontrou o *entendimento* do "sentido" formativo que livremente conduz o humano à profundidade do "eu", em que o "néctar" existencial é capaz de transbordar e exalar "o perfume" da essência pessoal íntima ao Ser de Deus. Adentrar o "si mesmo" é também permanecer "em si" e "encontra-se em Deus". É irradiar o que se é, para "além de si", em uma dinâmica transcendente e expressiva da personalidade que se sente amada e vocacionada ao amor.

Stein apontou Teresa D'Ávila como a pedagoga que segue um percurso de aliança entre a interiorização (linha antropológica) e a união humana-divina (linha teológica cristológica). Fundamentou-se nos seguintes pressupostos: o ponto de partida indica a confiança na presença de Deus habitante no ser humano; o ponto de chegada indica a comunhão do ser humano com Deus hóspede da alma (STEIN, 2004a).

Edith Stein recordou que Deus é amor. Mas

de que amor se fala quando se pauta no Ser de Deus? O Amor Trinitário foi amplamente investigado por Agostinho, sobretudo ao evidenciar que o Amor necessita do amante (aquele que ama), do amado (aquele que recebe o amor) e do amor enquanto relação unitiva de comunhão. Segundo Stein (2003a, p. 571-572):

Entre todos os pensadores cristãos, nenhum respondeu a essa questão com tanta paixão e energia como Santo Agostinho com sua: "*Noli foras ire, in telipsum] redi; in interiore homine habitat veritas*" [...]. No interior do homem habita a "verdade": essa verdade não ocorre alheia à própria existência em sua finitude. [...] Esta é a verdade que se encontra quando se chega até o fundo do próprio interior. Quando a alma conhece a si mesma, reconhece a Deus dentro dela. E conhecer o que se é e o que ocorre em si só é possível através da luz divina. "Tu me conheces e eu queria conhecer-me como sou conhecido".

Esse Amor Divino, experimentado na interioridade humana, ilumina a própria consciência enquanto sede das livres decisões pessoais e conduz ao sentido da humanidade no ser "em si" que transcende a si "em relação" empática. É a essa pedagogia que Edith Stein se dedica ao manter o argumento antropológico – corpo-mente-espírito¹² – como unidade pessoal com núcleo de interioridade (*Kern*), "alma da alma". A "alma da alma" puramente espiritual habita o íntimo do qual advém a graça do Eterno.

Na pedagogia da interioridade proposta por Teresa, por exemplo, Edith Stein identificou mais do que uma antropologia, uma sistematização formativa (SBERGA, 2014) e a conjugou com suas pesquisas fenomenológicas que visavam orquestrar harmonicamente a pessoa em sua totalidade. Tal qual Teresa, Edith assumiu como exercício o "mirar", isto é, o educar o olhar para que não se desvie do divino-humano em Jesus Cristo.

4 A consciência da interioridade a partir de Teresa d'Ávila

Em *Castelo Interior*, Teresa propõe um guia espiritual para conduzir o caminho da alma e

¹² Reforça-se que alma, sob prisma da Revelação Católica, possui corporeidade, não sendo desencarnada. Por isso, ao estudar os escritos espirituais de Edith Stein, é relevante compreender essa unicidade e totalidade da pessoa humana.

sua vida através de um itinerário pedagógico (JESUS, 2001a, p. 441). Possivelmente impulsionada pela fortificação existente na cidade medieval de Ávila, na Espanha, em que nasceu, escolheu como metáfora a imagem de um castelo para tratar sobre a vida com consciência de interioridade habitada pelo divino. Teresa D'Ávila ilustra o castelo com sete "moradas". A expressão "moradas" advém do Evangelho de João (14, 2), em que Jesus Cristo ressaltou: "Na casa de meu Pai há muitas moradas" (JESUS, 2001a, p. 441). Na morada mais central, segundo Teresa, habita o "rei" e, para alcançá-la, é preciso "adentrar" o coração de Deus. O corpo está relacionado com as estruturas que cercam o castelo. A alma com a interioridade. Já os sentidos e as potências espirituais – memória, entendimento e vontade – são considerados como servidores, sentinelas ou como moradores da estrutura do castelo.

A porta de entrada do castelo é a oração que, para Teresa, é um trato de amizade com Deus, ao qual, mesmo na solitude, o ser confia na presença Daquele que o ama. A oração não se configura em pensar, mas em amar e deixar-se amar. Por isso, é relacional. Além disso, a oração como constância de vida espiritual exige decisão e esforço. O espírito orante, nesse sentido, reconhece e adentra a presença do divino, contempla-a e integra-se em amizade com o Ser de Deus. Para tal, a oração remete à quietude e à intimidade com Deus, que possui a iniciativa em permanecer presente (JESUS, 2001a). O percurso à essência da interioridade no progressivo itinerário de sete moradas, é sintetizado da seguinte forma:

A primeira morada refere-se ao autoconhecimento. O conhecimento de Deus e o conhecimento de si mesmo se sustentam mutuamente, na medida em que o ser reconhece sua limitação e a necessidade da graça. Esta morada exige humildade em reconhecer a grandeza de Deus. No centro da alma, o divino ilumina o ser, revelando as inconsistências, as ambíguas e as más intenções (JESUS, 2001a, p. 441-452).

Na segunda morada, acentua-se a determinação em seguir no caminho da fé em Cristo, permanecendo perseverante frente aos conflitos

interiores. Se a primeira morada estava centrada em um ser humano em seu (re)conhecimento; na segunda morada, o ser já percebe o chamado divino. Há um reconhecimento da providência de Deus na vida exterior (JESUS, 2001a, p. 453-459).

A terceira morada traz exigências aos que acolheram o chamado de Deus, de modo que estes devam se esforçar na constância de encontrar na sua vida o desejo de Deus para sua existência. O coração humano que respeita e reverencia a Deus não deve tornar-se ressequido. As vivências colocam em visibilidade os apegos a serem renunciados, tanto quanto as almas são agraciadas com consolações (JESUS, 2001a, p. 459-469).

A quarta morada propõe a oração de quietude em que a relação de intimidade com Deus se dá espontaneamente pela autocomunicação divina com o ser. Nesta morada, são utilizadas alegorias como "calor", "fragrância" para refletir o ardor e a delicadeza. A oração dilata o ser irradiando o Bem Eterno do centro da interioridade. Teresa alerta ao cuidado com as distrações imaginativas, propondo uma atividade intelectual ativa e fundamentada nos ensinamentos de Deus (JESUS, 2001a, p. 470-487).

Na quinta morada, o valor é encontrado na união mais intensa da pessoa com Deus, reconhecendo que Deus fixou-se no centro do ser humano. Desperta uma oração de união com o divino que faz transbordar o amor. O amor torna-se consequência da unidade com Deus e se dirige ao outro em atitudes concretas. Já não é preciso pensar muito, mas amar muito a Deus e ao próximo (JESUS, 2001a, p. 487-508).

A sexta morada aponta para Jesus Cristo como o sentido e desejo definitivo da pessoa humana. Tocada pela divina graça, a alma coloca em prática as virtudes com maior diligência. Aponta, ainda, para as adversidades do caminho e a aridez frequente na oração. Tal esforço humano implica confiar na providência divina (JESUS, 2001a, p. 508-565).

A sétima morada é o coroamento do encontro de Deus no núcleo da interioridade humana. Expressa o matrimônio espiritual da pessoa com Cristo, onde há unidade duradoura com Deus

Trindade que ali habita, ao qual Teresa refere-se como Sua Majestade. No centro da pessoa, está o Deus Uno e Trino que se comunica, dá-se a conhecer. Nessa morada, Deus imprime no ser uma marca de experiência ao qual a pessoa não poderá esquecer ou duvidar. Aqui, a graça imprime-se na memória do ser em uma vivência mística revelada na presença do encontro da alma com Deus na contemplação e na postura ativa de vida (JESUS, 2001a, p. 565-586).

Conclusões para fins de formação espiritual cristã a partir das duas pensadoras

Pode-se afirmar que a consciência de interioridade apresentada por Teresa D'Ávila continua ecoando de forma pedagógica, literária, simbólica e singular em muitas pessoas, inclusive, a partir da própria obra de Edith Stein. Se, no método científico husserliano, Edith Stein encontrou a fundamentação que a nortearia ininterruptamente em sua forma de "descrever" e "escavar" o profundo do humano, em Teresa D'Ávila, encontrou as "portas de acesso" à verdade que tanto buscou.

Assim, emerge a pergunta: o que une essas duas grandes mulheres de tempos tão distintos e distantes? Suas biografias revelam que ambas eram movidas por autenticidade e personalidade determinada; porém, suas personalidades traziam de modo muito forte a ânsia pela relação em espírito comunitário, de transformação social, eclesial e planetária¹³. Ambas as formadoras do humano marcaram historicamente suas épocas pela incessante busca pelo autoconhecimento e relação empática, pela entrega a um itinerário espiritual de interioridade manifestada na exterioridade, pela busca da essência que desvela o Cristianismo enquanto encontro com a Verdade e o Amor de Deus. Nesse espaço de relação do humano com o divino, há a irradiação como "[...] alma que forma uma coisa só com o espírito, como o sol, que é uma coisa só com os seus raios" (STEIN, 2002, p. 134).

Com o *Castelo Interior*, como itinerário peda-

gógico de interioridade, Edith Stein adentrou-se no campo da formação enquanto experiência da presença de Deus na alma humana. A abordagem steiniana do *Castelo Interior* de Teresa D'Ávila vem revelar a importante preservação de formar *para* e *na* interioridade a partir do cuidado diligente com núcleo da alma de cada ser. Isto é, formar não se configura em um acaso, ou mesmo, no aprisionamento da retórica intelectual: formar é cuidar do humano e do humano ao encontro com o divino.

Para Stein, essa preservação do humano e do divino na formação deve ser mediada pela empatia. A vivência empática possibilita a alteridade e a viva consciência relacional. A empatia é, nesse sentido, uma vivência que nos une ao outro (STEIN, 2004b) e ao próprio Deus. Não há vivência autêntica sem encontro, sem experiência, sem mergulho no mistério. Deus e, também, o ser humano, são mistérios que se revelam. O encontro empático com Deus, na interioridade, assinala e conduz a vida espiritual cristã enquanto pessoalidade e relação comunitária.

Assim, viver em espírito comunitário não se trata de aglutinar pessoas, mas de formar para a comum união de pessoas que vivem, sentem e atuam pertencentes a um Sentido maior e coletivo, na vida cristã, o Sentido é Deus habitante do humano. Para Edith Stein (2003b), a comunhão é um processo, sempre em movimento, sempre se fazendo. O processo interior é gradativo, capaz de formar, segundo Stein, a pessoa em um encontro consigo, com os outros, com a ambiente social, eclesial, natural e com o próprio Deus. Já Teresa apresentou um itinerário espiritual com centralidade no Amor. Verdadeiramente essencial é amar e reconhecer-se amado, por Deus, por núcleos comunitários e por si mesmo.

As duas formadoras, Teresa e Edith, mulheres da fé, do coração e da razão, certamente são colunas espirituais a iluminar nosso tempo, como oportuno para o discernimento integrativo entre fé e vida, o que desafia a teologia cristã a retornar às fontes de formação espiritual (PEDROSA-PÁDUA,

¹³ Teresa manifestou-se quanto à forma de evangelização no Novo Mundo, como eram conhecidos os continentes colonizados na conhecida "Era dos Descobrimentos", e Stein diante das Grandes Guerras na primeira metade do século XX, dos quais fora vítima.

2015). Por essa exigência de uma espiritualidade alicerçada no amor unitivo de Deus que provoca compreensões e transformações no humano é que a vida espiritual se torna um “*fiat*” cotidiano, encarnado, fecundo, transformador e missionário.

Nesse sentido, educar a interioridade não se trata de anestesiamento, fascínio subjetivista, bem-estar imanentista e/ou de autoeficácia (*Evangelii gaudium*), mas requer aderir livremente e conscientemente ao revelar da metafísica cristã de mundo, de uma Verdade Revelada sobre o ser humano através de uma antropologia integradora, de uma ética comprometida com a dignidade de toda a vida e de uma soteriologia que dá razão à plenitude do viver (RUS, 2015).

Referências

ALFIERI, Francesco. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FERMÍN, Francisco Javier Sancho. *Introducción general: Edith Stein, inmersa en la vida del Carmelo*. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Obras Completas*. Vitoria: Ediciones EL Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004. p. 19-40.

FRANCISCO. Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social. In: *Vatican*. Assis, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 10 maio 2022.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo actual. In: *Vatican*. Vaticano, 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 10 maio 2022.

JESUS, Teresa de. Castelo Interior. In: SCIADINI, Patricio (coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; Loyola, 2001a. p. 438-588.

JESUS, Teresa de. Livro da Vida. In: SCIADINI, Patricio (coord.). *Escritos de Teresa de Ávila: obras completas*. São Paulo: Carmelitas; Loyola, 2001b. p. 19-291.

LAVIGNE, Jean-François. Alma, corpo e espírito segundo Edith Stein: uma renovação fenomenológica do pensamento aristotélico-tomasiano. *Revista TQ: Teologia em Questão*, Taubaté, v. 15, p. 101-124, jul./dez. 2016.

OLIVEIRA, Cleide. Teresa de Ávila: perfil. In: BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (org.). *Narrativas Místicas: Antologia de textos místicos da história do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 225-236.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. *Santa Teresa de Jesus: Mística e Humanização*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PERETTI, Clélia. Edith Stein. In: LOSSO, Eduardo Guerreiro, BINGEMER, Maria Clara, PINHEIRO, Marcus Reis (org.) *A Mística e os Místicos*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 477-503.

RUS, Éric de. *Uma visão Educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SAVIAN FILHO, J. A Antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA, 1., 2016, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 1-27.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A Empatia segundo Edith Stein. In: SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 29-52.

SBERGA, Adair Aparecida. *A Formação da Pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. El Castillo interior. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Escritos espirituales*. Vitoria: Ediciones EL Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004a. v. 5, p. 79-106. (Coleção Obras Completas, v. 5).

STEIN, Edith. *El Problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004b.

STEIN, Edith. Estructura de la Persona Humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones EL Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003a. p. 555-749. (Coleção Obras Completas, v. 4).

STEIN, Edith. *Natura persona mística: per una ricerca Cristiana dela verità: a cura di Angela Ales Bello*. Roma: Città Nuova Editrice, 2002.

STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una ascensión al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

STEIN, Edith. Sobre el Concepto de Formación. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vitoria: Ediciones EL Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003b. p. 177-194. (Coleção Obras Completas, v. 4).

STEIN, Edith. Una maestra en la educación y en la formación: Teresa de Jesús. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier. (org.). *Escritos espirituales*. Vitoria: Ediciones EL Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004b. p. 53-78. (Coleção Obras Completas, v. 5).

STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. São Paulo: Paulus, 2018.

TEIXEIRA, Patrícia Espindola de Lima. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas reológicas e pedagógicas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. *Aprender a Reconhecer nas Vivências Juvenis o Solo Sagrado: Um peregrinar antropológico em compromisso com o telos da formação das jovens gerações nos princípios teológicos-pedagógicos da Fenomenologia de Edith Stein*. 2022. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Doutora e mestre em Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Pós-graduada em Filosofia e Autoconhecimento pela PUCRS e em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelas Faculdades Porto-Alegrense (FAPA), em Porto Alegre, RS, Brasil. Licenciada em Pedagogia pela PUCRS. Atua na Pró-Reitoria de Identidade Institucional da PUCRS coordenando o Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista.

Clélia Peretti

Doutora em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo, RS, Brasil; pós-doutora em Fenomenologia pela Pontifícia Università Lateranense (PUL), em Roma, Itália; mestre em Educação Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba, PR, Brasil; especialista em Gestão de Escolas (PUCPR) e em Educação a Distância na Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; licenciada em Pedagogia e em História; bacharel em Teologia e Ciências da Religião. Docente do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCPR. Membro da Academia de Líderes Cristãos Católicos Latino-Americana. Líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Gênero e Educação da PUCPR.

Endereços para correspondência

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Av. Ecoville, 790, casa 13

Sarandi, 91150-400

Porto Alegre, RS, Brasil

Clélia Peretti

Rua Oypopock, 99, apto. 302

Bairro Cristo Rei, 80050-450

Curitiba, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.